

CERTAMEN
EPITHALAMICO

Publicado na Accademia dos
GENEROSOS DE LISBOA:



Ao Felicissimo Cazamento

Do sempre Augusto, & Inuicto Monarcha

D. AFFONSO VI.

no Nome, Rey de Portugal.

COM

A Soberana Princeza

D. MARIA FRANC.

Izabel, Rainha, & Senhora Nossa.

OFFERECIDO

Aluis de Vasçocellos, & Souza, Cõde de Castello-melhor, Escriptor da Puridade, & primeiro Minist. da Mag. de Portug.

Pello Academico Ambicioso, & Secretario da
referida Academia.



EM LISBOA,

Na Officina de Ioam da Costa.

M. DC. LXVI.

COM TODAS AS LICENÇAS.

GERTAMEN
EPITHALAMICO

Publicado na Academia das

GENEROSOS DE LISBOA

de Felisimo Casamento

Do sempre Augusto, & Inico Monarcha

D. AFFONSO VI.

no Nome, Rey de Portugal

COM

A Soberana Princeza

D. MARIA FRANCISCA

Isabel, Rainha, & Senhora Nossa

OFFERECIDO

Por D. Antonio de S. Paulo, Secretario da
Real Academia de Lisboa

EM LISBOA

Na Officina de Joam da Costa

M. DC. LXXVI.

COM TODAS AS LICENÇAS



A

LVIS DE VASCONCELLOS,
E SOUSA,
CONDE DE CASTELLO-MELHOR;

Escriuam da Puridade de Sua Magestade, do seu Conselho de Estado, & seu Reposteiro mór, Senhor das Villas de Castello-Melhor, Almendra, & Valhelhas, Comendador das Comendas de Sam Martinho de Pombal, Nossa Senhora da Conceiçam de Redinha, Sançta Maria de Cassella, Sam Miguel de Facha, & Saluaterra do Estremo, Alcaide mór dos Castellos de Pombal, Penamacor, & Cassella.



ESTE Certamen, que he o campo em que hão de contender os engenhos Portugueses (aplaudindo tanta felicidade

de nossa) se entrega a V. Ex^{ta} pera
 o segurar ; cuja prudencia custuma-
 da a sossegar as turbulencias dos
 Marciaes conflictos , não fará muito
 em aquietar as controuersias das A-
 pollineas contendás , pera que todos
 confiados possaõ entrar nesta batalha,
 seguros de que lhes não falte o pre-
 mio merecido , como a experienciã tem
 mostrado , nos que por instantes re-
 parte por conselho de V. Ex^{ta} , a libe-
 ral mão do nosso sempre Inuicto , Fe-
 lize, & Poderoso Monarcha.



CEN



O CENSURARIO DO DOCTOR
DIOGO MARCHÃO THEMUDO,
 DESEMBARGADOR
 DA CASA DA SUPPLICAÇÃO.

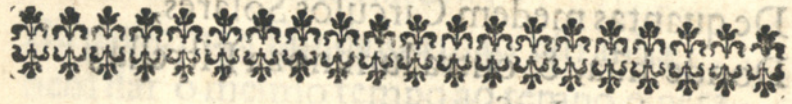
Leste Certamé Epithalamico, que
 na Academia dos Generosos de
 Lisboa publica o mais ambicioso A-
 cademico; he questaõ digna de sahir
 a luz, porque o assumpto della a faz
 louuauel, a ambição de seu Author
 a facilita, & a protecção do seu Me-
 cenas a defende; seruem os Certa-
 més de laureolas aos engenhos, &
 roubalhe a gloria quem lhe tira a
 occasiã de luzir. He meu parecer,
 que esta contenda se logre, porque
 experimente o Academico ambicio-
 so, que assim como soube formar a

Palestra, pera os Contendores afia-
rem as penas, ellas lhe seruirão de
tanto ornato, que veja satisfeito o
seu trabalho na gloria que hão de
acquirir, & na memoria que de nos-
sas felicidades haõ de eternizar. Lis-
boa 10. de Setembro de 1666.

Diogo Marchão Themudo.



Aquelle



CERTAMEN
EPITHALAMICO.



Quelle Deos intonso, (fera,
Brilhante habitador da quarta Es
Por cuja mão do tempo o tempo
corre,

E sem nunca morrer por dias morre:
Aquelle que rubrica
Do Inverno, Outono, Estio, & Primavera,
O tempo que lhe fica;
Aquelle que nascido
Entre as ondas ceruleas de Neptuno,
De muito millhor Concha produzido
Que a Deosa inueja daciosa Juno;
Pera aplaudir de Affonço
Monarcha Lusitano
O Conforcio felice, & soberano:
Da quarta Esfera adonde cada instante
Vé da Terraquea Bola
Vnido ao mais vezinho, o mais distante;
Nam vendo partes nella

De

De quantas medem Circulos Solares,
 Donde hũa, & outra luminoso Estrella;
 Das Quinas Lusitanas,
 Das cruciferas Quinas,
 Nam triumphem humanas,
 Nam influam diuinas.
 Ao Deos que calsa aligeros talares
 Manda, que ao Solio de ouro
 Do Baratro profundo,
 De hum, & outro luzente, & opaco Mundo
 Conduza todos (sem temer que a seta
 Segunda vez do Netto do Occeano
 Faça no sempre verde, & ingrato louro,
 Com mão diuina, golpe dezhumano)
 Parte o filho de Maya obedecendo
 Ao decreto, & fazendo
 Do Serpentino Caduceo trombeta,
 No Ceo, na terra, & na infeliz morada
 Donde Plutam gouerna, o echo atroa,
 Do qual sabida a ordem decretada
 Confuzamente soa;
 Na cristalina Esfera,
 Na região diafana dos ares,
 Nas sulfureas entranhas,
 O estrondo com que todos obedientes;
 Deixando

Deixando os patrios lares
 Da parte mais sabida, ou mais estranha
 Sem dar o mesmo tempo ao tempo espera;
 Partiam satisfeitos, & contentes,
 E penetrando o globo de diamante
 Naquelle mesmo instante
 Que partiram chegaram,
 E todos juntos, donde Apollo entraram.

Ià tinha o louro Deos no folio louro
 Entre a brilhante confuzam de rayos
 Repartido os lugares,
 Aos Deoses mais communs, mais singulares
 Assentos de cristal, & assentos d'ouro,
 E a hũa, & outra illustre hyerarchia,
 Izentando dos ceos marciais ensayos
 Intima o pay da noite, & o pay do dia
 Seja (pera liurar a competencia)
 Nam o lugar, a entrada a preferencia.
 Nesta dezordem em ordem diuididos
 A hum aceno de Apollo
 O eyxo vniuersal de polo, a polo,
 Deteue o veloz curso, & suspendidos
 Ouuem todos, & atentos
 De Apollo estes armonicos accentos.
Sabei celestes Numes

Que em votados perfumes
 Apaga recebeis dos beneficios,
 Que sempre dais propicios;
 Ser o tempo chegado
 Por vòs ao mundo todo desejado
 Ao mundo todo sim, que todo o mundo
 O Luzo Imperio manda
 Pois quanta praya cerca o mar profundo,
 E quanta terra o carro solar anda
 Tem com gloria nam vista
 Por timbre o ser do Portugues conquista:
 Desta felice gente
 Que ao mundo acrefçetou mundos mais largos
 O felice Monarcha,
 Que tanta terra, e mar seu jugo abarca;
 Vê nas prayas do Tejo,
 A delicia do Sêna,
 Velocino melhor em melhor Argos
 Fermoza limites do desejo
 Das escumas do Dora produzida,
 Enueja sempre à triumphadora d' Ida.
 Esta em tudo excellente
 Princeza, o ceo propicio à sorte ordena
 Do lasam Portugues felice espoza,
 Que em sagrado Hymenêo amante goza.

Excel-

Excelente Princeza
No sangue, na virtude, & na belleza;
A tam felice dia
Nesta minha celeste Academia
Donde em melhor Parnazo
Se colloca estelifero o Pegazo,
E correm pellas veas cristalinas
Nectar, & Ambrozia as aguas Cabalinas,
Hum Certamen publico;
E inclinando a cabeça reuerente
A Iupiter potente,
Proseguio; com licença
Vossa, ô supremo Rey deste Emisferio
A todos notifico
Pera que o mundo veja a differença
Em dia tam feliz do vosso Imperio,
Que aos assumptos propostos
(Em tantos gérais gostos)
Satisfação, Suaves,
Eruditos, Galantes, Sabios, Graues.
A penas suspendeo a voz Apollo
Quando de polo a polo,
Entre os Deoses começa o rebuliço,
Porque Iuno lembrada
Da offensa, muito mais que do seruiço,

Nam lhe apagando o odio
 A vingança de ver Troya abrazada, (dio,
 Conuoca o Deos do mar, & o Deos do bro-
 Todos juntos procuram,
 Introduzindo aos peitos que murmuram
 De Apollo a fantezia
 Impedir os aplausos deste dia:
 Mas a Deoza gentil da fermozura
 Da Lusitana gente
 Estrella, annunciadora da ventura,
 Enamorando ao Deos armipotente
 Amimando a Vulcano,
 Porque se aplauda o gosto Lusitano,
 Oposta sempre à espoza de Tonante
 Conuoca ao folio puro & rutilante,
 Das entranhas dos montes
 Com ferreo aspecto, Esteropes, & Brontes.
 De tam celeste guerra
 Iupiter receozo
 Mais da que fez ao ceo soberba a terra
 Como pay, como espozo,
 De hũa, & outra guerreira
 O conferto introduz desta maneira.
Bem pudera o pastor do claro Anfrizo
Lembrarse do que fez a Ciparizo

Pera nam motiuar que este azul manto (to;
 Se ensope em mar de sangue, e em mar de prá;
 Mas a occasiam que tene,
 Bem pode desculpar qualquer excesso,
 Que eu mesmo concorrera no successo,
 Se Apollo à sua conta nam tomara
 O celebrar no ceo gloria tam rara.
 Mas porque vòs amada filha minha,
 E sobre todas vòs espoza amada,
 Hũa, e outra ouzada
 Sem recear se atreue
 A contender, no folio magestoso
 Co' rayo rigurozo,
 Que empunha a destra mam de Ioue irado,
 Quis abraçar as mesmas Divindades,
 Mas vendo que conuinha
 Dar lugar às piedades
 Por ser o tempo a todos desejado
 Hoje ao mundo chegado,
 A vòs amada espoza,
 A vòs filha querida,
 Pois hũa, e outra goza
 Em meu amor a ditta merecida,
 Que depondo a payxam, depondo o affeito,
 Sendo a rezam preceito,

Ordeno, que as primeiras
 Sejais, em aplaudir as verdadeiras
 Dittas, que goza o Lusitano Imperio,
 Na uniam do Ceo predestinada,
 De Affonso, & de Maria
 Hũa, & outra deidade celebrada
 Do Frances emisferio,
 Da Lusitana illustre hyerarchia,
 Marte Affonso, Maria Citerea,
 Que em amoroza tea,
 He na belleza, & he na valentia,
 Affonso Marte, Citerea Maria;
 E Delio a quem lhe toca
 Em dias tam festiuos
 Dar forma aos regozijos successiuos,
 Pondo os albogues à luzente boca
 Peça armonicamente
 As Diuindades todas
 Deste solio luzente
 Dem causa a festejar diuinas bodas
 Com diuinos assumptos,
 E a todos elles juntos,
 Fazendo o mesmo Apollo
 O officio de Cilenio, ao Luzo polo
 Leue no carro aurifero, & luzente,

Inda que tema o mundo,
O ver no Tejo Eridano segundo,
E naquella cidade populoza,
Que a Vlisses deue aditta que hoje goza,
Na douta, & celebrada Academia,
Que a doce melodia
Da trombeta da fama ao mundo soa
Dos sempre generozos de Lisboa,
Se entreguem, & o desempenho
Seguro eu em tanto altiuo engenho.
 Assim disse Tonante,
 Apollo obedeceo, & Iuno pondo
 De parte, odio que fez tam grande estrondo,
 Mais que inimiga amante,
 Ao sobrinho enteado
 Entrega pera o dia celebrado
 Este altiuo Decreto.
Que cada qual discreto
Academico Illustre, & Generozo,
Que o tripartido ser mysteriozo,
De Iuno, & de Lucina,
E Pronuba diuina
Num Exasticon mostre destinando;
Do leito conjugal, do jugo brando,
A prole succe ssina,

I. Assumpto:
 pera Epigrá-
 mas Latinos.

Que

Que igual viva felice, & eterna viva.
 E pera premio do melhor poema
 Lhe signala Diadema
 Do seu Arco celeste,
 Pois sempre segue a paz, consegue a gloria,
 Alcançada a victoria.

Amay de amor, a Deoza da belleza,
 Triunphadora do mundo,
 Que a talamo jocundo
 De Cupidos menores,
 Colhendo rozas, & espalhando flôres,
 Rodea carinhoza,
 Muito mais namorada, que inuejoza
 (De Affonso, & de Maria
 A quelle cujo esforço, & galhardia
 De Adonis, & de Marte
 O todo tem vnido em qualquer parte
 Esta sincopa só da fermozura,
 Dos Luzos a ventura,
 A que sem differença
 Logra o aurifero pomo da sentença) (tho,
 Entrega ao louro irmaó do argenteo cin-
 Donde as graças pendiam,
 A todas tres que os circunstantes viam,
 Pera que assumptos fossem do Certamen,
 E porque

É porque numa voz todos aclamem,
 O symbolo em Aglaya da belleza,
 Numa Ode Franceza
 De noue estancias quer publique ao mundo,
 O engenho mais fecundo
 A noua, bem que oitaua maravilha,
 Que o Tejo vio nas prayas Vlisseas
 Inueja sempre às conchas Erithreas.
 Manda à segunda filha
 Da senhora de Nigdo,
 Que em estillo subido
 No idioma Italiano,
 Em sette Oitauas mostre em ser humano
 Tanta parte diuina,
 Que logra esta bellissima Eufrosina.
 Talia sempre verde,
 Donde a Estação do tempo, o tempo perde:
 Ordena que é seis liras Castelhanas,
 Se eternizem as dittas Lusitanas;
 Pois esta flor de lis, que hoje fas sua,
 Por flor perpetua em Lizia perpetua.
 É a fermosa das graças despenceira,
 De era, murta, & romeira,
 Tres coroas prepara
 Ao metro mais suaue, á voz mais rara.

II. Assü-
 pto: pera
 húa Ode
 Franceza.

III. Assü-
 pto: pera
 Outauas
 Italianas.

IV. Assü-
 pto: pera
 Liras Caste-
 lhanas.

Aquella Diuindade
Da cabeça de Ioue produzida,
Que em hum sô ser vnida
Tem por môr excellencia
Valentia, & scientia:
Marauilha fatal em toda idade,
Dà por assumpto a nunca ouuido canto,
De hum Portugues Soneto
Pera que venha a ser do mûdo espanto,
O qual cante discreto,
Que esta alma que hoje anima,
Dous corpos diuididos,
Nos affectos unidos,
Que fas de dous compostos hum composto,
Por virtude de amor que amor estima,
De dar a varios gostos hum so gosto:
Que esta Pallas Francesa,
Minerua Italiana,
Vnida aquella a Marte na campanha,
Esta a Ioue discreto no Senado,
Em hum, & outro estado,
Nos assegura a nossa confiança,
Pois tem passado à posse da esperança,
Que logra Affonso já por mãos do Eterno,
Socorro no combate, & no gouerno.

V. Assu-
pto: pera
Sonetos
Portugu.

A victo

A victoria alcançada,
 Se segue a paz de todos desejada,
 Assim ao vencedor deste conflicto,
 O ramo que tem dado eterno grito.
 A aquella may do literal congresso,
 Coroe a paz em tam feliz successo.

A triforme belleza
 Que no Ceo resplandece,
 Na terra influe, & no inferno impera;
 Porque huma, & outra Esfera,
 A alegria foubesse,

Que ella participaua
 Da gloria, que hoje Portugal gozaua

*Quer que huma Canção explique graue,
 De sette ramos Portugues suau,*

Num foyeito a triforme natureza

Que Italia produzio, gozaua Franca,

E he hoje em Portugal noua esperanca,

Diana em castidade,

Proserpina prudente, & Deuindade,

Qual Cinteia enomarada

Ao Luzo Endimiao predestinada,

E da viçosa rama,

Que serue de coroa ao monte Atlante,

De tanto triumphador gloriosa fama

VI. Affü-
 pto pera
 Canção
 Portugu.

Seja tambem coroa do triumphaeut,
 Diana apenas tinha
 A clausula final dada ao discurso,
 Quando rompendo o vnido concurso,
 Chega o Deos eloquente,
 E sem que a voz desminta o ser prudente,
 Entrega ao mayor irmaõ papel serrado,
 No qual escrito vinha:

*Todo aquelle poeta celebrado,
 Que em verso bem limado,
 De hũa sylua discreta, & Castelhana,
 Escreuer a profapia generosa
 Desta Diuina esposa,
 Senhora ao Luzo Reyno soberana:
 Dando ao mundo noticia,
 Ser ella sã propicia,*

VII. Affi-
 pto: pera
 Syluas Ca
 stelhanas.

*Mais que as do mundo to' o a aque'le Imperio;
 Que ha de imperar do publico emi ferio;*

Por poeta excellente
 O coroo do symbolo prudente
 De rama sempre verde,
 Em que Seringa, o ser Seringa perde.

O Deos filho da flor que brando rega,
 A corrente do Araxe cristalino
 Criado sem ter pay, furioso entrega,

Na aguda pōnta do aço diamantino
 Hum papel, que arromperlhe a nema vnida,
 Estremeceo o duplicado polo,
 Credo certo o final termo da vida;
 E o mesmo louro Apollo,
 Hum pouco a cōr perdeo do ardente rayo,
 Pois deixou de ser cōr, & foi desmayo;
 Mas sentindo Mauorte
 De ver nos immortaes medo da morte,
 Moderando o fūror, no aspecto graue,
 Disse o que o papel diz com voz suaue.
Da bellissima Rhea, & do Deos Marte,
Aquella entregue a Vesta, este a Campanha,
Nasceo quem dominou a quadra parte
Do mundo, sō da fundaçam Romana:
 Mando agora aos poetas,
Que em vinte coplas graues, & discretas
De hum Portugues Romance,
Segurem pera gloria Portugueza,
Do Marte Portugues, Rhea Francesa;
Aquelle mais valente, esta mais casta
 Hum Romulo segundo,
Que domine felice, & glorioso
 O conhecido, & ignorado mundo
 E porque premio cada qual alcance;

VIII. All
 ūpto: pera
 Romāces
 Portugues
 zes.

Na duraçam que o tempo ja mais gasta:
 Conforme for nos metros victorioso,
 Dase mpre verde grama.
 Que a tanto Heroe concede eterna fama:
 Coroa lhe preparo
 Por suaue, discreto, altiuo, claro.

*Esse moço anciaõ, rico, & despido,
 Tiranno com piedade,
 Fomentido com fé, lynce sem vista,
 Filho da fermosura, & da fealdade,
 Aquelle que conquista,
 Com verdade, & mentira,
 Com brandura, & com ira,
 Vendose agora vencedor vencido
 De Psyche mais fermosa
 Cominueja artificiosa,
 Pera lograr o bem que desejava,
 Do coraçam de Affonso fes aljava,
 Donde elle mesmo em setta conuertido,
 Se introduzio pera ferir ferido:
 E Affonso ficou sendo
 O mesmo amor que fas querer querendo:
 Esta meta morfosis sem segundo,
 Como poderà ser publique ao mundo
 No Idioma Castelhana,*

IX. Affü-
 pto: pera
 Decimas
 Castellh.

Em Espinella seis com soberano

Estillo, o sonoro zo, & eburneo plectro:

E ao mais canoro metro,

Da flor que a may de amor co' sangue rega,
 Otorifera croa amor entrega.

Depois de ter Apollo recebido,

Dos Deoses o que temos refferido,

A todos manifesta

Que elle tambem nos gostos desta festa

Alegre concorria,

Com mais, que em ser correo d'alegria,

Pois a todos leuaua

Materia, em que mostrar o agudo engenho,

De cadaqual poeta generozo:

E era o que entam o Ceo manifestaua,

Huma copla discreta,

Porque grozada fosse o dezempenho

Do mais sabio poeta,

Aoqual coroara ramo famozo

Do sempre verde louro,

Que nam ha muito foi madeixa de ouro:

E a copla he tal que Apollo refferia.

Amar Affonso & a Maria,

A maria, nam he amar:

Logo como pode estar,

Num tempo amar, & a maria.

X. Assu-
 pto: copla
 pera Gro-
 zas Por-
 tuezas.

Assim falou o celestial auriga,
 E leuando o latego a Flegonte,
 A Piroës, & a Etonte,
 Com mais violento impulso entam castiga;
 Parte o luzente tiro
 Com a furia costumada,
 Nos aureos freos derramando aljofres,
 Donde Aurora enche os cofres,
 Que reparte nas conchas eritreas,
 Berço nadante a muitas Citereas.

Da partida à chegada,
 Tempo nam pode ter breue suspiro,
 E na Academia sempre Generosa
 Apollo entrou, & dando ao Secretario
 Papel pera o concurso litterario,
 Assim tornou à esfera luminosa,
 E demais deixou dito
 Que os Iuizes, o tempo, & os preceitos,
 Pera a celebraçam do fatal dia,
 Pela conta corria
 De tanto ardente lume,
 Conforme vzo, & costume
 Do Academico rito.
 Isto sabido a Aula generosa
 A todos manifesta,

Este certamen, com que Apollo a festa
 Celebra peregrino
 Deste hymeneo diuino:
 E termo lhe finala preemptorio,
 Depois de ser notorio,
 Trinta giros diurnos,
 Do seu curso solar, que em varios turnos,
 Por duas vezes seis deixa, & visita,
 A doze vezes finalada fica.

Nestes dias prescriptos,
 Se entregaraõ os metros eruditos
 Ao Secretario desta Academia;
 Que ha de manifestar o alegre dia,
 E a Aula donde em festa tam solemne,
 A fonte de Aganipe,
 Ha de regar de seu licor perenne.

Nenhum verso jocososo,
 Por mais que seja agudo, & sentencioso,
 As leis deste certame obedecendo,
 Se ha de admitir, & sendo
 Diuerso do proposto a menor parte,
 A mesma pena tem por fora d'arte.

Fora do tempo a todos referido,
 Pode ser admitido
 Qualquer metro suaue;

D Mas

Mas nam fera proposto no conclâue,
 Se nam prouar primeiro
 Ignorancia infalliuel da noticia,
 E pera ter propicia
 Aquella luz que aqui nos alumea,
 No juizo verdadeiro,
 Desta dos juizos contentiosa tea,
 Por juizes nomea
 De comũ vniam todo o conclâue,
 A aquelles tres, & cada qual suaue,
 Erudito, discreto,
 Sabio, prudente, moderado, recto,
 Alumnos desta docta Academia,
 Cujos nomes grauados
 Nas laminas estam do eterno dia,
 Dos seculos vindouros venerados,
 Cada qual peregrino, & generozo
 Aonio, Felizardo, & Saudozo.
 E assim se fas patente
 A cada hum, & a todos geralmente,
 No dia derradeiro
 Do mes, q̄ Apollo do animal guerreiro
 A crespa grenha enxuga,
 Desde que ẽ berço de cristal madruga,
 Ate que em tumba de zafir acaba,

I. O doctór
 Ant. de Souza
 de Macedo.
 Secret. d'Estado
 de S. M.
 II. D. Fernâd.
 de Menezez,
 Conde da E-
 ricieira, do
 Cof. de Guer-
 ra de S. M.
 III. Frâcisco
 Correa de
 Lacerda Me-
 stre de S. Al-
 teza.

15
Do anno misteriozo, que mostraua,
Em tanto vaticinio
Dilatarse o dominio
De Affonso por lograr hum, & outro polo;
Do Portuguez Apollo,
A lus que agora participa aquella
Que Norte guia, como influe estrella.



Do anno millesimo, que mostrava
 Em tanto vaticinio
 Dilatare o dominio
 De Affonso por lograr hum, & outro polo,
 Do Portuguez Apollo,
 A las que agora participa aquella
 Que Norte guia, como influxo estrella.



Anno, Felizada, 6. S. S. S. S.
 E assim se faz patente
 A la hum, & a outro polo,
 No da derradeiro
 Domio, q' Apollado hum, & outro polo,
 A unpa, trezha, e unpa,
 Delle que a unpa, e unpa,
 Ata que em a unpa, e unpa.